

## FUNCIONALISMO E MUDANÇA LINGUÍSTICA: O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO DA PARTÍCULA *QUE NEM* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No funcionalismo, área da linguística surgida na década de 70, a língua é descrita como um instrumento de interação social. Dessa forma, o estudo do sistema linguístico está intrinsecamente relacionado ao uso efetivo da língua pelos falantes e, assim, o pesquisador dessa corrente tem os seus estudos voltados a compreender como “a forma [linguística] se adapta às funções que exerce [nos enunciados]” (PEZATTI, 2004, p. 165). Nessa perspectiva, a gramática funcional é considerada como emergente, tendo em vista que a língua constitui um espaço no qual, constantemente, novas formas ou velhas formas com novos significados e funções aparecem na língua para atender aos anseios dos falantes em busca de uma maior expressividade. Neves (2000), a esse respeito, diz que a língua e a gramática não podem ser descritas como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem parâmetros como cognição, comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução. A mudança e a variação linguística, nesse contexto, são compreendidas por meio da gramaticalização, segundo o qual itens lexicais passam a assumir funções gramaticais, ou elementos gramaticais passam a exercer funções ainda mais gramaticais. Ao verificar a presença do *que nem* no Português Brasileiro, percebemos que a partícula *que* tem sido adjungida ao *nem*, formando uma construção, na qual os dois itens operam de maneira encadeada, exercendo a função de comparação, conforme constatamos em exemplos extraídos de distintos gêneros textuais: (1) “*Que nem chiclete, que nem chiclete, que nem chiclete grudadinho em você*” (Trecho de música); (2) “[...] *Isso foi no sábado, quando foi no domingo, já tive que levar pro hospital, a mão já tava dessa altura, preta que nem um carvão, o braço todin inchou com coisa que meteu num pau de vara de fogo assim, inchou todo... todo... todo... e deu aquelas bolha de fogo [...]*” (M.C.A.O. Trecho do *corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista- *Corpus PPVC*); (3) “[...] *Segundos depois Maria corria que nem uma louca pela rua, ultrapassava faróis [sic] e via a destruição do mundo atrás dela [...]*” (Trecho do livro: *A reencarnação de Lilith*, Jacqueline Bellio). Então, com o objetivo de analisar o uso dessa nova forma comparativa na Língua Portuguesa, levando em consideração, sobretudo, os estudos realizados por Vieira e Sousa (2015), no qual são apresentadas diversas funções da partícula *que nem*, neste trabalho, verificamos, em particular, a utilização desse item como forma comparativa à luz da teoria funcionalista e dos estudos sobre gramaticalização. Partimos, portanto, da hipótese que o *que nem*, além de possuir outros valores, é mais utilizado como forma comparativa tendo o valor semelhante ao da conjunção *como*. Para verificar o processo de gramaticalização, utilizamos, como *corpus*, mensagens selecionadas na rede social *Twitter*. O *Twitter*, segundo Recuero (2009), é estruturado por seguidores e pessoas para seguir, na qual cada usuário pode escolher quem seguir e por quem ser seguido. As postagens são chamadas na rede social de *tweets* e podem, como característica peculiar a esse gênero, ser postadas em um espaço máximo de 140 caracteres. Os *tweets*, então, embora sejam textos pertencentes à modalidade escrita, assumem características semelhantes ao texto oral e, além disso, por conter poucos caracteres, torna-se um veículo de fácil constatação do processo de gramaticalização. Em função dessas características, selecionamos 100 *tweets* de perfis públicos da rede social de forma aleatória, desconsiderando as variáveis sociais, apenas utilizando a ferramenta de busca da rede para selecionar as mensagens que continham a partícula *que nem*. Com base nos *tweets* encontrados, constatamos que as formas *que* e *nem* atuam como estruturas com valor

comparativo, a saber: (4) *Tem ex namorado que é **que nem** herpes, quando você pensa que se livrou, ele reaparece pra te incomodar (J. A. S);* (5) *este perfil no momento encontra-se offline pois vai estudar **que nem** um cão pra passar no vestibular. beijos de luz! (M. A);* (6) *“A saudade bateu foi **que nem** maré”.* (C.S). (7) *Queria que o halloween aqui no Brasil fosse **que nem** nos EUA, sempre quis sair pedindo doce na casa das pessoas. (F.D).* Nesse estudo, ainda preliminar, analisamos a construção inovadora somente com valor comparativo em oposição aos demais valores presente no *corpus*, que conforme postulam Vieira e Sousa (2015), podem ser encontrados nos enunciados com outros sentidos, como o valor comparativo, conformativo, de exemplificador e de marcador discursivo. Obtivemos, a partir da pesquisa realizada, o resultado de 33% das ocorrências do *que nem* com valor comparativo em relação a 67% de ocorrência com outros valores. Portanto, no suporte *Twitter*, com características dos textos oral e escrito, é perceptível que o *que nem* está passando por um processo de gramaticalização com mais incidências de outros valores do que com o valor comparativo, negando, assim, a hipótese inicial de que a, na construção, o valor prototípico seria a forma comparativa.

## REFERÊNCIAS

NEVES, M. H. M. de. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

VIEIRA, Caio Aguiar; SOUSA, Valéria Viana. *Que nem no Twitter: o processo de gramaticalização do que nem nas mídias sociais*. In: Anais do XI Colóquio do Museu Pedagógico. Vitória da Conquista. Edições UESB, 2015.